

Conflito de terra na Baixada

Ameaças, incêndio e roça destruída expulsam lavrador

Vera Araújo

A 60 quilômetros do Centro do Rio, a luta por um pedaço de terra gera conflitos entre lavradores, com ameaças de morte e cenas semelhantes às que ocorrem nas regiões Norte e Centro-Oeste do país. O lugar é Campo Alegre, em Queimados, distrito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Numa área de 2.059 hectares (quase três vezes o tamanho de Copacabana), 450 famílias vivem assustadas com um grupo de posseiros comandados por João da Silva Bastos, presidente da regional Beira-Rio, um dos seis setores em que se divide Campo Alegre. Ele pressiona os lavradores para que abandonem as terras e depois as vende por preços acima de NCz\$ 7 mil, segundo Sebastião Inácio da Silva, 53 anos, que foi jurado de morte e obrigado a deixar seu sítio.

Posseiro desde o começo da ocupação de Campo Alegre, em 1984, quando foi criada uma fazenda-modelo, Sebastião teve a casa incendiada e a plantação devastada na segunda-feira de carnaval. Conta que a destruição foi prometida por seu vizinho Mário Pereira de Lima, amigo de João Bastos, que ainda o ameaçou de morte. Apavorado, Sebastião abandonou o sítio de 30 mil metros quadrados, com plantações de arroz, aipim e banana, e está disposto a vendê-lo por "qualquer trocado". Registrou queixa-crime na 55ª DP (Queimados) mas diz que a polícia nem apareceu em Campo Alegre. Como ele, dezenas de pessoas são aterrorizadas mas têm medo de denunciar João Bastos.

"A polícia não entra em Campo Alegre. A lei é a do João Bastos. Quem não entra na dele é morto. Abandonei minha propriedade, minhas plantações, porque não tenho segurança. Estou jurado de morte. Ele disse que, enquanto tiver muni-



A casa de Sebastião foi reduzida a destroços

ção, vai disparar em todos que cruzarem seu caminho. Eles querem me expulsar e estão conseguindo porque não sei como lutar sozinho. Quando acontecem coisas, ninguém sabe quem fez", disse Sebastião. Segundo ele, um de seus vizinhos, policial militar reformado, foi ameaçado por João Bastos e poucos dias depois apareceu morto na antiga lixeira do setor Fazendinha.

"Já mataram três camponeses aqui do Acampamento (Campo Alegre é dividido nas regionais Mato Grosso, Fazendinha, Chapadão, Acampamento ou Beira-Rio, Marapicú e Capoeirão). Todos sabem quem matou mas ninguém se arrisca a dizer", conta o paraibano Sebastião, enquanto olha o que sobrou da sua casa de quarto e cozinha — telhas, tijolos e cinzas — e as bananeiras, pés de aipim, cana e caqui arrancados. Os produtos da plantação sumiram. "É doloroso. Quem plantou fui eu e quem colhe é um miserável."

Um dos filiados da Associação Produtora Agrícola de Campo Alegre, o mineiro José Batista, de 57

anos, denuncia que há penetração de pessoas de média e alta renda: "O Jorge, dono de um dos principais depósitos de material de construção de Queimados, tem dois sítios por aqui. Ele comprou as terras de posseiros expulsos por João Bastos, que distribuiu carteiras de camponeses para quem chega de fora, quando isso aqui foi criado só para os lavradores. A gente ficou com pena do Sebastião, mas o que podemos fazer?"

Sebastião está morando com a família, mulher e uma filha bem longe de Campo Alegre e passou a viver de biscoitos. "Vou vender minhas terras, tratar das vistas e procurar um emprego de motorista. Adoro o trabalho da lavoura, mas meu sonho se desfez depois que esse João Bastos passou a mandar no lugar", diz o lavrador, que não acredita que as próximas eleições para as presidências das regionais tragam uma solução. "Não acredito que vá mudar muito. Era preciso um homem forte aqui, como teve na época da ocupação", diz, referindo-se a Laerte Rezende Bastos, ex-presidente do Mutirão e hoje vice-prefeito de Nova Iguaçu.

Cooperativa agrícola que não vingou

O Mutirão Campo Alegre, assentamento de 450 famílias de agricultores, é uma experiência pioneira de reforma agrária — ali, ninguém é dono da terra. O estado comprometeu-se a fornecer tudo o que os lavradores precisassem: equipamentos, sementes, transporte para escoar a produção, postos de saúde, escolas e assistência técnica, financeira, jurídica e social. Mas dois dos nove tratores estão com defeito e os demais ficam na casa dos presidentes das regionais, que monopolizam os equipamentos. A miséria tomou conta de Campo Alegre, que tinha tudo para ser uma cooperativa agrícola bem sucedida.

Além dos tratores, a comunidade ganhou um caminhão, um posto médico, duas escolas e assistência técnica de agrônomos e veterinários. Os

posseiros contam que o caminhão sumiu e as escolas e o posto de saúde, cheio de medicamentos com data vencida, foram fechados por falta de professores e médicos. "Ninguém quer ficar neste fim de mundo", diz Geraldo Machado, 55 anos, dono de um sítio e de uma birosca na regional Mato Grosso. O Mutirão Campo Alegre não tem luz elétrica, saneamento básico nem condições de trabalho. A segurança é a da "providência divina", como dizem os lavradores.

Como os tratores são de uso exclusivo dos presidentes das regionais, os outros agricultores desembolsam NCz\$ 6 por hora pelo aluguel de tratores particulares ou NCz\$ 3 por dia para pagar mão-de-obra. Mas a maioria prefere se desdobrar e cuidar sozinho ou com a família dos sítios de

100mx300m. A paraibana Maria do Carmo Santos Diniz, de 63 anos, há 40 na região, cuida sozinha das suas plantações de aipim, quiabo e maracujá, além de ser rezadeira e parteira. "Volta e meia pára um carro pra me buscar. Rezo espinhela caída, cobreiro e ajudo as mulheres daqui a terem os filhos", conta a lavradora, que perdeu as contas do número de partos que fez. Sabe apenas que são 10 por mês em Campo Alegre e comunidades vizinhas.

A falta de um posto de saúde que funcione fez vítimas como o agricultor conhecido na região como Sebastião do Capoeirão. Ele morreu de infarto quando capinava um terreno. "Se tivesse algum médico na hora, ele não teria morrido. Era um homem de muito vigor", conta Geraldo Machado, agricultor e comerciante. (V.A.)